

# Além do imperialismo da mídia: Os desafios de teorizar fluxos globais de TV

## *Beyond media imperialism: The challenges of theorizing global TV flows*

JOSEPH STRAUBHAAR<sup>a</sup>

Universidade do Texas, Departamento de Jornalismo e Estudos de mídia e Rádio-TV-Cinema.  
Austin-TX, Estados Unidos

### RESUMO

Este artigo examina a jornada intelectual que me levou a estudar o desenvolvimento da televisão no Brasil. Discute-se como iniciei o estudo do desenvolvimento dos meios de comunicação social nos países do Sul global, no âmbito de um Doutorado em Relações Internacionais. Tal estudo me fez despertar um interesse especial no Brasil, principalmente quando descobri que o Departamento de Estado dos Estados Unidos estava disposto a me treinar na língua portuguesa e me mandar para lá para passar três anos. Discute-se o grande apoio intelectual que recebi para a minha pesquisa sobre a televisão brasileira, a TV Globo e a dependência cultural, do Prof. José Marques de Melo e outros da ECA/USP, onde outros, como Carlos Eduardo Lins da Silva e Ana Maria Fadul, começavam a examinar algumas das mesmas questões. Discute-se também como foi interessante e útil a rede INTERCOM e ALAIC de pesquisadores para conhecer o grande crescimento das pesquisas brasileiras e latino-americanas que estava ocorrendo.

**Palavras-chave:** Rede de televisão global, Rede Globo, Intercom, ECA-USP

### ABSTRACT

This article reviews the intellectual journey that led me to study the development of television in Brazil. It discusses how I came to study how media were developing in countries of the global South as part of a Ph.D. in International Relations. It led me to get particularly interested in Brazil, particularly when I discovered that the US State Department was willing to train me in Portuguese and send me there for three years. It discusses the great intellectual support I received for my research on Brazilian television, TV Globo and cultural dependency, from Prof. José Marques de Melo and others at ECA/USP, in which others like Carlos Eduardo Lins da Silva and Ana Maria Fadul were beginning to look at some of the same issues. It goes on to discuss how interesting and helpful the INTERCOM and ALAIC network of researchers was in learning about the great upswell in Brazilian and Latin American research that was taking place.

**Keywords:** Global media, Brazilian television, TV Globo, Intercom, ECA-USP

<sup>a</sup> Professor de Comunicação Social do Departamento de Jornalismo e Estudos Midiáticos e Rádio-TV-Cinema da Universidade do Texas, Austin. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8285-1498>. E-mail: [jdraubhaar@austin.utexas.edu](mailto:jdraubhaar@austin.utexas.edu)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i3p105-119>

V.16 - Nº 3 set./dez. 2022 São Paulo - Brasil JOSEPH STRAUBHAAR p. 105-119

MATRIZES

105

**M**EU COMEÇO NAS tradições de estudo das comunicações nos EUA aconteceu durante a minha graduação na Universidade de Stanford, em 1969, onde comecei a estudar psicologia e mudei meu foco para comunicações e relações internacionais. Quando comecei a estudar comunicação, lembro-me de ter ficado um pouco surpreso quando o chefe do programa de comunicação, Nathan Maccoby, ao descobrir que eu havia me formado psicologia, me disse que eu não precisaria fazer a aula de teoria introdutória, pois era toda baseada em psicologia. Isso me deixou um pouco incomodado.

Uma das razões pelas quais me afastei da psicologia foi que comecei a descobrir que ela era muito restrita pela visão cultural. Em grande parte, ela parecia enfatizar excessivamente a psicologia individual com base na cultura europeia e americana. Um grande ponto de virada foi quando descobri que uma tentativa de replicar um experimento básico sobre redução de dissonância cognitiva em Hong Kong simplesmente não funcionou. Uma das suposições sobre a redução da dissonância cognitiva era que, se você exigisse que alguém fizesse uma declaração que entrasse em conflito, ou fosse dissonante, com uma de suas próprias atitudes, a pessoa mudaria sua atitude para que ficasse consistente com seu comportamento público. Quando um experimento tentou replicar isso em Hong Kong, as pessoas estudadas não sentiram a menor necessidade de mudar sua atitude para estar em consonância com seu comportamento público, uma vez que, para elas, havia algo culturalmente diferente em jogo. Se alguém em posição de autoridade lhes pedisse para ler uma declaração, elas liam a declaração, mas aquilo não tinha nada a ver com o que elas pensavam a respeito. Era apenas uma forma de obediência à autoridade relacionada à cultura. Eu também tinha feito algumas disciplinas de antropologia cultural e me ocorreu que talvez o que me interessava realmente fosse a cultura, não a psicologia.

Quando comecei a estudar comunicações, havia disciplinas sobre diversos tipos de temáticas de comunicação. Tive aulas de história do cinema, de jornalismo e de radiodifusão e televisão. Muitas delas pareciam ter uma ênfase de padrão americano nos efeitos da mídia. Havia, certamente, uma ênfase na metodologia quantitativa tradicional. Mas também tive uma aula no meu último ano sobre comunicação e desenvolvimento nacional, na qual conheci vários estudantes interessantes de doutorado de Stanford, dentre eles um que posteriormente se tornaria um mentor para mim, Emile McAnany. Fiquei bastante intrigado com a ligação que a disciplina traçou entre o desenvolvimento dos meios de comunicação e o desenvolvimento das culturas e identidades nacionais. A matéria também deu igual ênfase à comunicação como instrumento de aceleração ou modificação do desenvolvimento nacional. Quando cheguei à pós-graduação para estudar essas questões, percebi que estava muito mais interessado em

entender como os sistemas nacionais de mídia estavam se desenvolvendo do que em como usar a mídia para mudar os padrões de desenvolvimento.

Nesta aula em Stanford, fui exposto a um pensamento desenvolvimentista mais tradicional, como o de Wilbur Schramm (1964) e Daniel Lerner (1958), mas também a um pensamento mais crítico, como o imperialismo midiático de Herbert Schiller (1969). Também fiz algumas matérias que tinham uma abordagem marxista da economia. Stanford permitia escolher entre uma sequência de disciplinas econômicas introdutórias que era muito mais tradicional e outra que era muito mais crítica ou marxista. Escolhi esta última porque era uma época em que muitas pessoas estavam cada vez mais contra o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã. Como muitos estudantes, eu me perguntava se deveríamos fazer mais do que ser contra a guerra e nos concentrarmos um pouco mais na mudança radical dentro dos EUA. Pensávamos que se o nosso atual sistema havia nos levado ao Vietnã, talvez o próprio sistema tivesse de mudar. Passei seis meses fazendo um estudo no estrangeiro, em Viena, no meu segundo ano em Stanford, e muitos de nós soubemos da oportunidade de fazer uma viagem oficial à União Soviética com patrocínio para estudantes no âmbito da agência de turismo juvenil Sputnik. Em retrospecto, estou certo de que foi uma operação de *soft power* com o intuito de levar estudantes americanos e europeus para a União Soviética para que pudessem conhecer e ter uma opinião melhor sobre a União Soviética.

Fiquei muito curioso sobre o marxismo no meu primeiro ano na universidade. No entanto, passar três semanas na União Soviética, 1970-71, colocou um grande ponto de interrogação nesse sentimento. O socialismo realmente existente, como muitas pessoas desprezaram a União Soviética à época, parecia ter alguns pontos fortes. Construíram uma estrutura industrial impressionante que lhes permitiu derrotar a Alemanha nazista em 1945. Muitas cidades foram bem desenvolvidas, como Moscou, que tinha um sistema de metrô muito impressionante e muitos edifícios impressionantes. Porém, havia também uma ênfase muito visível no controle social e no controle da opinião política. As pessoas pareciam ter medo de conversar conosco sobre qualquer coisa que não aderisse à linha partidária do Partido Comunista. Isto me suscitou muitas questões sobre a União Soviética. Eu vinha pensando em estudar a história da Rússia e o desenvolvimento da União Soviética, mas, francamente, depois de três semanas de viagem, achei que seria muito deprimente, não uma coisa que eu gostaria de estudar a fundo.

Suscitou questões sobre como a rivalidade entre os EUA e a União Soviética na Guerra Fria estava afetando o resto do mundo. Fiquei muito curioso com isso, pois pude sentir, enquanto estava na União Soviética, que eles estavam determinados a promover seu modelo de desenvolvimento para o resto do mundo, da mesma forma que os EUA. E aquela interação entre os dois países

era interessante, por isso me fez pensar mais em estudar as questões mais amplas das relações internacionais e dos modelos de desenvolvimento.

### INDO PARA A PÓS-GRADUAÇÃO

Em vez de ficar na Universidade de Stanford, que tinha uma ênfase enorme em como usar os meios de comunicação para acelerar o desenvolvimento, sob a chefia de Wilbur Schram, decidi que queria uma mudança de cenário e de foco disciplinar e fui para a costa leste dos Estados Unidos para estudar uma mistura de comunicação e Relações Internacionais. Provavelmente, há vários lugares em que eu poderia ter estudado, mas o mais interessante parecia ser a Faculdade Fletcher de Direito e Diplomacia, na Universidade Tufts, que enfatizava o desenvolvimento da mídia, a comunicação transcultural, a diplomacia pública, bem como a interação entre a mídia e as relações internacionais.

Ainda não tinha a certeza se queria mesmo ser um acadêmico. Eu saí de uma fazenda pequena em Idaho e não conhecia nenhum acadêmico pessoalmente além de alguns professores que conheci em Stanford, que ainda me pareciam um pouco divindades misteriosas. Eu ainda não tinha muita confiança na minha capacidade de ser professor, mas estava cada vez mais motivado a ser pesquisador. Também fiquei um pouco interessado em trabalhar diretamente, de alguma forma, nas relações internacionais, de preferência no papel desempenhado pelos meios de comunicação.

Fiquei muito impressionado com uma professora, Rosemarie Rogers, que ministrou as minhas primeiras disciplinas de comunicação internacional, desenvolvimento dos meios de comunicação e métodos de pesquisa. Ela me ajudou muito a entender que havia vários métodos de pesquisa para abordar muitas das teorias, ideias e questões nas quais eu estava interessado; como diferentes abordagens produziam diferentes tipos de evidências e dados; e que as abordagens podiam ser qualitativas, quantitativas ou combinações de ambas. Foi um grande alívio. No curso de Psicologia de Stanford, eu me cansei de trabalhar em experimentos psicológicos, seja como participante do experimento ou como assistente de pesquisa de alguns professores. Os experimentos pareciam ser cada vez mais manipuladores. Fiquei bastante aliviado ao aprender uma ampla gama de métodos, incluindo muitas maneiras diferentes de abordar os grandes temas. A formação que eu tive na Fletcher School foi uma boa base e me deu uma boa noção de como pensar de forma aberta e criativa sobre diferentes formas de pesquisar uma questão, o que me foi de grande valia quando comecei minha tese sobre a televisão no Brasil.

Também tive a oportunidade de estudar várias questões e teorias sobre meios de comunicação internacionais, política e desenvolvimento. Gostava da

ideia de olhar as indústrias culturais de maneira crítica, como fazia a Escola de Frankfurt. Fiquei bastante curioso a respeito do fluxo desigual do cinejornal e da televisão. Fiquei particularmente intrigado com um relatório novo, feito pela UNESCO, sobre o fluxo televisivo desigual no mundo em 1974 (Nordenstreng & Varis, 1974). Aprofundi-me na ideia da teoria da dependência em termos do trabalho de Cardoso (Cardoso & Faletto, 1979) e outros (Evans, 1979). Estava muito interessado nas questões e processos que levaram ao debate sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Unesco, 1978). Um dos primeiros livros que li sobre mídia do Brasil foi um relatório escrito por Nelly de Camargo, da USP, sobre políticas brasileiras de comunicação (Camargo & Pinto, 1975), no âmbito do programa da UNESCO dos anos 1970 de incentivar os países a construírem políticas de comunicação.

Eu estava muito interessado em examinar as teorias da Escola de Frankfurt sobre a indústria cultural (Horkheimer & Adorno, 1972) de uma forma crítica. Mas eu também estava começando a ler a respeito de o que as indústrias da mídia e as políticas nacionais em países em desenvolvimento como o Brasil estavam fazendo para começar a aplicar estratégias de promoção da produção nacional, especialmente de televisão e rádio (Katz & Wedell, 1976). Estava especialmente interessado na China, que tinha uma visão muito autônoma e muito diferente de fazer comunicações e mídia no país. Interessava-me também o desenvolvimento das indústrias televisiva e cinematográfica da Índia, a indústria televisiva do México e do Brasil e a abordagem majoritariamente não alinhada e independente dos meios de comunicação que a Iugoslávia estava adotando. Fiquei muito curioso sobre os países que começavam a reagir contra a dependência e o imperialismo cultural, seja através de ações de políticas governamentais, como a China ou a Iugoslávia, ou através de formas mais industriais em lugares como Índia, México e Brasil.

A Profa. Rogers tornou-se a minha orientadora de doutorado. Ela começou a me dizer explicitamente que achava que eu seria um bom pesquisador e professor na universidade. Ela via que eu não estava muito seguro quanto a isso e me fez o grande favor de tentar deliberadamente aumentar minha confiança, para me mostrar que eu era mais do que inteligente o suficiente para conseguir, se era isso que eu queria fazer.

Eu havia feito o exame de admissão ao serviço estrangeiro dos EUA a pedido da Fletcher School. Eles tinham muito interesse em recrutar o maior número possível de pessoas para o serviço estrangeiro. Eu fiz o exame, passei nos diferentes testes e entrevistas, e ao final do meu primeiro ano recebi um telefonema deles dizendo: “Bem, você passou! Para onde gostaria de ir se o contratássemos e o enviássemos para algum lugar?” Eu disse que estaria muito interessado em Brasil, China, Índia, México e Iugoslávia.

Em termos de pesquisa, estava curioso para ver quais os países em desenvolvimento que estavam desenvolvendo meios de comunicação próprios que reagissem às pressões que estavam recebendo do imperialismo cultural dos EUA, e esses países eram todos exemplos interessantes. Eu vinha estudando o imperialismo cultural e a teoria da dependência. A teoria da dependência, de certa forma, fazia mais sentido para mim na época como um modelo geral viável para entender o que estava acontecendo em lugares como Brasil ou México do que o tipo de ideia holística de imperialismo cultural que Herb Schiller estava promovendo em sua obra. Quando o serviço estrangeiro se ofereceu para me dar treinamento em língua portuguesa e me mandar para o Brasil por três anos, fiquei entusiasmado, mas perguntei se podia continuar na faculdade até concluir as tarefas do meu doutorado e eles concordaram. Embora eu tivesse objeções profundas com relação à política externa dos EUA, encarei aquela como uma oportunidade de ir aprender português e aprender muito sobre o Brasil passando três anos lá. Depois, caso eu quisesse voltar para a academia, teria o trabalho de campo feito para uma tese. Minha orientadora, a Profa. Rosemarie Rogers, disse: “Talvez você goste de fazer o serviço estrangeiro por alguns anos, mas você voltará ao mundo acadêmico.”

Terminei o meu curso e os meus exames abrangentes para o meu doutorado um pouco antes de sair da Fletcher School para ingressar no serviço estrangeiro. Fui a Washington estudar diplomacia pública, português e estudos de área por um ano no Foreign Service Institute, o que foi útil de qualquer forma: a ideia dos estudos de área visava uma compreensão geral dos países da América Latina, suas relações internacionais entre si e suas relações com os Estados Unidos e as antigas potências coloniais de Espanha e Portugal. Tudo isso, em geral, parecia importante de se estudar se a minha intenção em seguida fosse estudar o desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil. Em seguida, fui ao Brasil por três anos para me dar a chance de elaborar uma proposta de tese e fazer trabalho de campo no país para uma tese.

### **APRENENDO COM O BRASIL**

Quando cheguei ao Rio no início de 1976, continuei a estudar português no Consulado do Rio. Eu tinha recebido um treinamento muito bom em Washington. Estudei intensivamente por seis meses, seis horas por dia, mas ainda assim queria continuar a aprender, por isso fiz o curso de português de nível avançado no consulado. Uma coisa interessante aconteceu na minha primeira semana lá, que acabou resultando na minha tese. A professora nos disse que a maioria de nós estava indo bem com o português, mas que precisávamos dar um jeito de sair e conversar com pessoas de verdade. Ela sugeriu duas coisas

específicas: uma era ir comprar uma camisa de um time de futebol do Rio e as pessoas conversariam conosco sobre futebol e o seu time. Mais importante ainda, ela disse que precisávamos assistir a uma telenovela ou duas todas as noites, porque era disso que todo mundo falava a respeito.

Pensei: “Uau, não foi isso que Herb Schiller me fez esperar.” Vim para o Brasil principalmente com a expectativa de fazer um estudo de caso sobre o imperialismo cultural. Eu tinha aprendido o suficiente para saber que a TV Globo tinha sido criada em um empreendimento conjunto com a Time Life, dos EUA. Eu esperava ver o tipo de imperialismo cultural do qual falavam pessoas como Herb Schiller, uma orientação econômica para a mídia comercial capitalista. Esse era, sem dúvida, o caso, mas, além disso, parte do pacote teórico do imperialismo cultural é que espera-se ver uma enorme quantidade de conteúdo televisivo, cinematográfico e musical americano, e que esse conteúdo americano teria um claro impacto ideológico como parte do imperialismo cultural (Dorfman & Mattelart, 1972). Em vez disso, comecei a perceber, naquela primeira semana, que o horário nobre do Brasil, particularmente na TV Globo — que a maioria das pessoas assistia — era ocupado por três novelas produzidas pela Globo e um noticiário nacional, em vez de programas importados dos EUA. Isso me deixou intrigado com o fenômeno das telenovelas.

Eu tinha dois possíveis tópicos para a minha tese. O primeiro seria pesquisar o que estava acontecendo com a censura dos meios de notícia. Eu tinha chegado pouco depois de o novo governo militar de Geisel ter anunciado uma política de *abertura* política; que voltaria gradualmente ao governo civil. Como parte desse processo, eles revogariam gradualmente a censura, que ainda era pesada na maioria dos meios de comunicação naquele momento, em 1976. Primeiro, eles revogaram a censura de jornais de elite, como *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*, e de pequenos semanários de esquerda, como *Pasquim* ou *O Movimento*, portanto os militares pareciam confiar que a elite traria uma visão menos censurada das notícias e não pareciam se importar com o que os semanários de esquerda publicavam. Mas era claro que eles planejavam manter a censura da televisão e do rádio, os meios de comunicação de massa, por um bom tempo, o que indicava que, de muitas maneiras, eles consideravam a televisão mais importante do que a mídia de elite em termos de seu impacto no público (Ribke, 2011). Aquilo parecia interessante, mas acabou me levando a trabalhar na televisão, que os militares e muitos outros julgavam ter um impacto muito maior no público.

O outro possível tema de tese seria analisar o caso da TV Globo e suas telenovelas, notícias e *shows de auditório*, que pareciam ter tirado os programas americanos importados do horário nobre, além de outros canais de televisão concorrentes. Teoricamente, isso parecia confirmar certos aspectos do imperialismo

cultural em nível estrutural, uma vez que a *Time Life* havia participado da criação da TV Globo e definido certos padrões comerciais muito claros: operação publicitária muito eficiente (Wallach, 2011), foco no entretenimento e forte promoção da cultura de consumo (Mattos, 1990). Mas não era só isso. Havia muita criação cultural interessante em telenovelas, comédias, apresentações de música e *shows de auditório*.

Apresentei as duas ideias ao meu comitê nos EUA. Disseram que esta ideia de analisar como o desenvolvimento da televisão e a sua forte produção de entretenimento nacional desafiavam, em certa medida, a ideia de dependência cultural ou de imperialismo cultural, parecia ser uma perspectiva teórica muito mais interessante, que me colocaria numa discussão teórica muito importante com um interessante estudo de caso. Concordamos que eu faria a minha tese sobre a televisão no Brasil e de que maneiras ela se encaixava ou não nas ideias de dependência cultural e imperialismo cultural. Em retrospecto, eu estava tentando equilibrar o que eu aprendi na pós-graduação sobre economia política e como ela parecia prever certas coisas relacionadas ao imperialismo cultural, particularmente a natureza estrutural da abordagem da TV Globo em relação à televisão comercial (Hertz, 1987), e uma abordagem de estudos culturais baseada em Stuart Hall (1977) e outros estudiosos pioneiros, além de estudos da televisão nos Estados Unidos, que investigam a indústria, mas também em grande medida o conteúdo e a recepção (Newcomb & Hirsch, 1983).

Fiquei muito interessado em ler o que tinha sido produzido sobre a televisão no Brasil e comecei a conhecer estudiosos brasileiros naquele primeiro ano, 1976. Descobri vários livros pioneiros e importantes, que realmente me influenciaram. Um deles foi *O paraíso via EMBRATEL* (Milanesi, 1978), que era uma espécie de relato etnográfico da chegada da televisão a uma cidade pequena brasileira, que me ajudou a ter uma noção melhor do impacto que a televisão estava tendo no Brasil. Outro foi *A comunicação do grotesco* (Sodré, 1972), que deu um relato realmente fascinante das raízes populares do *show de auditório*. Outro foi *A Noite da Madrinha* (Miceli, 1972), um relato semiótico de um “*talk show*” popular na televisão. Esse me desafiou teoricamente, já que a perspectiva semiótica é comum no Brasil, mas eu não estava familiarizado com ela. Na pós-graduação, eu havia sido mais exposto a questões estruturalistas, como economia política e questões de fluxos de conteúdo. Fiquei, no entanto, um pouco surpreso por não haver mais pesquisas sobre televisão no Brasil, especialmente sobre o conteúdo televisivo. Havia um debate político muito ativo sobre o papel da TV Globo e o legado do empreendimento conjunto da TV Globo com a *Time Life*. Encontrei e li um livro chamado *O Livro Negro da Invasão Branca* (Calmon, 1966), escrito por um dos principais investidores de um dos principais concorrentes da TV Globo, a TV



Tupi, talvez um pouco suspeito, mas que certamente levantou muitos antecedentes interessantes. A maioria das histórias clássicas da TV Globo, como *A História Secreta da Rede Globo* (Hertz, 1987), ainda não haviam sido escritas, mas havia um debate considerável em fontes de jornais sobre o empreendimento conjunto da *Time Life* com a TV Globo. Percebi que ia ter de trabalhar muito com fontes de arquivo, como jornais e entrevistas.

Conversei com algumas pessoas que trabalhavam com questões culturais e midiáticas nos Consulados do Rio e de São Paulo, para descrever o que me interessava, e uma delas me aconselhou a conversar com um professor sênior de televisão e teatro da Universidade de São Paulo, Fred Litto. Entrei em contato com ele e comecei o que se transformou em uma longa amizade e um interessante conjunto de trocas e conversas ao longo dos anos, que, a longo prazo, me levou a examinar mais de perto as questões tecnológicas no Brasil. Fred me apresentou ao Prof. José Marques De Melo, que me apresentou a outras pessoas, incluindo Carlos Eduardo Lins da Silva, Fernando Santoro, Anamaria Fadul e Margarida Kunsch. O elemento central do meu primeiro acesso às pessoas que estudam a mídia no meio acadêmico brasileiro foi, em grande parte, na Universidade de São Paulo, na ECA. José Marques De Melo proporcionou uma abertura muito importante a uma grande rede de muitas das pessoas envolvidas na INTERCOM, a associação de pesquisa em comunicação. Mais tarde, também conheci e entrevistei pessoas muito interessantes de outros lugares, como Muniz Sodré, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No entanto, a minha recepção inicial por parte de José Marques e de outros em São Paulo foi tão aberta e acolhedora, que me concentrei lá por bastante tempo. A ECA também tinha uma boa biblioteca. Encontrei muitos livros brasileiros e livros de toda a América Latina. Por exemplo, muito do que ainda sei sobre semiótica, provavelmente aprendi lendo coisas em português do Brasil e traduzidas de outras partes da Europa e do mundo. Por fim, também conheci pessoas da PUC São Paulo, como Renato Ortiz e Sylvia Borelli, que estavam muito mais nessa escola de pensamento, ao fim dos meus primeiros três anos de trabalho de campo no Brasil.

Comecei a perceber que também precisava aprender sobre as perspectivas da indústria. Eu encontrava bastante coisa sobre a televisão brasileira por parte de estudiosos e da literatura (que estava começando a crescer), mas eu precisava entender como a própria indústria funcionava. Comecei a tentar fazer incursões na própria TV Globo. Tive a sorte de enfim entrar em contato com o diretor de pesquisa da rede, Homero Icaza Sanchez, que achou interessante esse jovem americano que falava um português razoavelmente bom e estava bastante interessado no que eles faziam. Ele me explicou de maneira bem aberta a pesquisa

que estavam fazendo e a compreensão dele da história da TV Globo, particularmente como eles desenvolveram subgêneros de telenovelas que se encaixam no perfil das telespectadores em diferentes horários. Comecei a perceber que queria não apenas entender o que estava acontecendo naquele momento nessas categorias de gênero, mas ver como elas se desenvolveram ao longo dos anos.

Conversar com pessoas da indústria da publicidade e da indústria televisiva foi fascinante, especialmente pessoas de outras emissoras, como TV Tupi, TV Rio ou TV Excelsior. Algumas das minhas melhores entrevistas foram com pessoas que haviam trabalhado em todas essas emissoras de televisão antes de entrar na publicidade ou na academia. Tive uma entrevista fascinante com Roberto Duailibi, diretor de uma grande agência de publicidade. Ele estava bastante interessado em dizer o que pensava não só sobre publicidade, mas também sobre o desenvolvimento da televisão em geral. Também conversei com algumas pessoas no Mercado Global e no Grupo de Mídia (1978), que começavam a reunir uma vasta gama de dados publicitários para formar padrões úteis. Esses padrões foram muito úteis para compreender como a TV Globo tinha dominado a concorrência e por que era muito mais eficiente na utilização da publicidade. Eles tinham um diálogo muito melhor com as agências de publicidade através de pesquisas e apresentações antecipadas dos próximos programas e temporadas. Eu queria ter um ponto de vista externo crítico da economia política, por exemplo como ela usou contatos favoráveis com o governo militar para obter licenças e tecnologia para se espalhar por todo o Brasil, mas também queria ter uma visão privilegiada de como ela funcionava e por que eles pensavam que ela tinha desenvolvido daquela maneira.

Também tive a sorte de o Ibope São Paulo me autorizar a utilizar os seus dados de audiência televisiva, em especial os acontecimentos históricos. Isso me permitiu ver quem assistia a novelas, a apresentações musicais ou a programas de comédia. Eu havia decidido fazer uma análise de conteúdo sobre em quais gêneros televisivos os diferentes programas se encaixavam (em semanas de amostra de 1962 a 1979) e quantos minutos esses gêneros ocupavam na programação (usando anúncios de programas nos jornais), comparando isso para o horário nobre versus o dia todo, adicionando de onde esses programas vieram (Brasil, Estados Unidos ou outro lugar) e, em seguida, criando um índice que vinculava esses números de análise de conteúdo às audiências do Ibope para os programas. Isso criou uma medida que chamei de horas de audiência, que mostrava não só quantas horas de televisão e quais gêneros vinham do Brasil ou dos EUA, mas também quantas pessoas assistiam a cada gênero.

Comecei a trabalhar nisso e percebi que também precisava fazer uma história da indústria. Precisava estudar cuidadosamente a história da TV Globo, e também da TV Rio, TV Tupi, TV Record e TV Excelsior, a fim de entender

de que forma mais ampla a televisão se desenvolveu no Brasil. Tive a sorte de encontrar a maioria das fontes originais de que precisava no arquivo público do jornal *O Estado de S. Paulo*. Foi como se alguém tivesse me dado um presente de Natal gigante quando entrei no arquivo do jornal e vi como ele era bem organizado. Alguém já havia organizado arquivos de recortes não só do próprio Estado de São Paulo, como também de uma dúzia de outros jornais, acerca de temas como a história da TV Tupi de 1951 a 1960. Eu podia pagar para fotocopiar o que quisesse para ter o histórico de que precisava. Esse se tornou o elemento central da minha tese, com histórias aprofundadas de cada emissora e dos principais gêneros da telenovela e *shows de auditório*.

## INTERCOM

Tanto a USP/ECA quanto a INTERCOM continuaram a expandir meus horizontes de compreensão da mídia brasileira. Tive muitas conversas com Carlos Eduardo Lins da Silva sobre o impacto da TV Globo, segundo o ponto de vista dele, em sua própria tese de doutorado sobre a recepção da Globo nas comunidades operárias no Sudeste e no Nordeste do Brasil (Silva, 1985). Também conversei com pessoas como Cesar Bolaño sobre uma perspectiva mais crítica do papel da indústria da publicidade na televisão (Bolaño, 1988). A minha pós-graduação havia me dado uma visão estruturalista, mas não particularmente marxista, de como funcionam as estruturas das relações internacionais, embora eu estivesse lendo obras sobre o imperialismo e a dependência culturais. Muito do que eu aprendi no Brasil sobre economia política foi de pessoas como Cesar Bolaño e organizações que se concentravam mais em coisas como economia política, paralelamente à INTERCOM.

## A MINHA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO ACADÊMICA FOI NA INTERCOM

Depois dos meus primeiros três anos no Brasil, de 1976 a 1979, voltei aos EUA para trabalhar para o Departamento de Estado, no departamento de pesquisa, analisando a mídia e a opinião pública na América Latina, o que foi útil; aprendi muitas coisas úteis lá, particularmente sobre métodos de pesquisa, e tive bom acesso a muitos livros úteis da Biblioteca do Congresso. Terminei minha tese em 1981 e voltei ao Brasil em 1982 para fazer uma apresentação na INTERCOM. Foi a minha primeira apresentação acadêmica de um artigo, e fiquei um pouco nervoso. Não tinha certeza de como o meu argumento seria recebido.

O que eu descobri foi que, estruturalmente, a Globo foi muito influenciada pela sua interação com a *Time Life* e com a indústria da publicidade, tornando-se, assim, uma indústria de mídia comercial dominante, enfatizando o entretenimento

e trabalhando com o governo militar para ajudar a criar uma economia de consumo, como temiam os pesquisadores de economia política. Por outro lado, eu queria falar sobre os aspectos culturais da indústria, que eram pouco estudados. Havia uma crença generalizada no Brasil de que o país era inundado por programação enlatada importada dos Estados Unidos. Minha pesquisa foi mais empírica, sobre o desenvolvimento dos principais gêneros televisivos ao longo do tempo, de 1963 a 1979, quem os produzia, o que era feito no país e o que era importado e quantas pessoas assistiam. Eu encontrei um padrão de ligeiro declínio da quantidade total de programação americana no Brasil. Esse declínio era mais rápido na TV Globo, que estava substituindo cada vez mais a programação americana pela programação brasileira em diferentes partes da transmissão diária, uma vez que suas próprias pesquisas mostravam uma maior demanda por programação nacional (Wallach, 2011). No entanto, se levássemos em conta apenas o volume global de programas americanos importados em todos os canais, ele continuava a ser elevado porque várias das redes menores faziam contraposição à programação da TV Globo utilizando séries e filmes americanos de baixo custo. Criei um índice, horas de audiência, calculando a quantidade de programação em diferentes gêneros dos EUA e do Brasil pela audiência de cada um segundo o Ibope. Ao verificar o que as pessoas estavam realmente assistindo, constatava-se que o tempo que as pessoas passavam assistindo a televisão americana estava caindo rapidamente. Com um pouco de ousadia, intitulei a minha palestra “O declínio da influência americana na televisão brasileira.” Alguns dos meus amigos economistas políticos contestaram a ideia porque a economia política, ou a estrutura básica, da televisão brasileira era de fato muito influenciada pelos Estados Unidos, mas o que eu estava discutindo era a programação, as influências culturais e políticas que chegavam às pessoas através da televisão. E lá eu vi uma mudança interessante acontecer, com mais e mais programação brasileira, de qualidade relativamente alta, sendo produzida e disseminada para um público que cada vez mais preferia os programas nacionais (Straubhaar, 1984).

Lembro-me de estar um pouco assustado com qual seria a reação. Era uma atitude um pouco atrevida da parte de um estrangeiro chegar e contradizer o que muitas pessoas achavam saber sobre o fluxo televisivo para o Brasil. Porém, ao terminar a apresentação do artigo, fiquei bastante impressionado com a consideração da reação do pessoal da INTERCOM, em particular a de José Marques de Mello, que, juntamente com várias outras pessoas, disse essencialmente: “Bem, isso é interessante. Não é o que achávamos que estava acontecendo, mas você apresentou evidências muito boas, vamos pensar a respeito.” Tivemos um ótimo debate, provavelmente uma das conversas acadêmicas mais divertidas que já tive. Ela me fez pensar: “Eis aqui um grupo de pessoas com quem posso ter

um relacionamento acadêmico vitalício, aprender e trocar ideias.” Isso me deu a sensação muito promissora de que eu tinha lar na academia brasileira para as coisas nas quais eu estava interessado em trabalhar.

Outras pessoas achavam o mesmo. Emile McAnany me disse que “José Marques abriu uma grande rede de pessoas/ideias para mim e para outros. José Marques era a figura central na ECA e no Brasil, no meu juízo.” Raul Fuentes Navarro, do México, me disse que

“a ECA tem sido muito importante na constituição e no desenvolvimento de várias associações acadêmicas e profissionais influentes na área, dentro de espaços brasileiros, latino-americanos e até globais. Não só José Marques de Melo, mas Margarida Kunsch, Ismar de Oliveira Soares e Immacolata Vassallo, entre outros, estão criando e fortalecendo laços com o mundo todo.” Guillermo Orozco Gomez disse: “Entre outras coisas, eu reconhecera como um marco da ECA o estudo das telenovelas. A ECA foi pioneira na América Latina na abordagem acadêmica da ficção televisiva e continua a fazê-lo através do OBITEL.” Milly Buonano disse: “Falando do OBITEL, embora a Eurofiction tenha sido uma inspiração (da qual tenho orgulho), a ECA — especialmente na pessoa de Maria Immacolata Vassallo — conseguiu torná-lo uma grande e duradoura empreitada de pesquisa colaborativa, um verdadeiro modelo e ponto de referência no cenário internacional da pesquisa midiática contemporânea. Também vale a pena mencionar os laços fortes e frutíferos que a ECA estabeleceu com escolas de comunicação, como La Scuola Fiorentina della Comunicazione, e estudiosos da mídia na Itália e em outros países<sup>1</sup>.”

<sup>1</sup>Todas as citações são de correspondências pessoais com Joseph Straubhaar.

Começaram a existir centros de pesquisa muito interessantes em todo o Brasil. Um dos que ajudou vários pesquisadores internacionais foi o Núcleo de Pesquisa de Telenovela, com Anamaria Fadul e Cida Bacega. Atualmente, ele é o CETVN, Centro de Estudos de Telenovela, dirigido por Immacolata Lopes.

Através da INTERCOM, comecei a conhecer várias pessoas em várias escolas importantes em ascensão, que estavam fazendo diversos trabalhos no estudo da comunicação. O número de pessoas trabalhando em vários temas estava começando a crescer. Entre as pessoas com quem conversei nessas organizações e os artigos e livros que eu estava lendo na Biblioteca da ECA, ou encontrando nas livrarias, fiquei fascinado com alguns campos que eram bastante novos para mim, como a semiótica, a linguística estrutural e a análise do discurso. Todos eles me deram as bases para entender criticamente como a mídia estava se desenvolvendo no Brasil e no mundo latino-americano em geral, especialmente à medida que a INTERCOM crescia e começava a incluir outros latino-americanos e pessoas da Península Ibérica. Além disso, a rede ALAIC começou a crescer, na qual o Brasil teve um papel forte.

Uma das coisas que me fascinou foi a ligação da INTERCOM com as associações latino-americanas que cresciam na época e as associações lusófonas, como a LUSOCOM e suas respectivas ligações com a Europa, especialmente Portugal e Espanha. Foi uma maneira fascinante de construir toda uma rede acadêmica mundial que se ramificou do Brasil. Isso me deu uma perspectiva sobre como a mídia global funcionava, que muito poucos americanos tiveram o privilégio de ver, em parte porque eu já vinha conhecendo pessoas no Brasil há anos e elas tiveram a gentileza de abrir suas redes e me apresentar a muitas pessoas na IAMCR, ALAIC etc. Foi uma verdadeira expansão do que eu sabia sobre a mídia global, encontrar grandes teóricos como Jesús Martín-Barbero (e suas ideias sobre o popular nacional) antes de serem disponibilizados em tradução nos Estados Unidos. Pude constatar o grande valor de ter uma literatura que evoluiu em espanhol e português, refletindo ideias fundadas nessas culturas e línguas, e as experiências históricas dos países latino-americanos e ibéricos.

Lembro-me do meu fascínio por tantas coisas interessantes que estavam sendo ditas no Brasil e em outros lugares da América Latina que nunca chegariam ao discurso acadêmico global que acontece em inglês. De certa forma, tive muita sorte de ter acesso a isso, mas também me senti um pouco triste por mais pessoas não saberem de todo esse trabalho interessante. No entanto, isso está mudando lentamente. Fui a uma reunião, em outubro de 2022, de uma das minhas associações acadêmicas favoritas, a Global Fusion, que é co-patrocinada por cerca de seis escolas de pós-graduação americanas para se concentrar na comunicação internacional. Esta reunião foi organizada pela Temple University, que realizou um simpósio fascinante com várias pessoas da América Latina, uma do Oriente Médio e uma do Reino Unido, para falar sobre Jesús Martín-Barbero, seu legado e o quanto ele os afetou. Nos estudos televisivos, o OBITEL fez um excelente trabalho nos seus congressos anuais e nas suas publicações anuais, incluindo traduções para o inglês. Isso tem sido de valor inestimável para disponibilizar uma fonte acessível para os pesquisadores da televisão de todo o mundo que não falam espanhol ou português. Há também um número crescente de periódicos, como **MATRIZes** e o Journal of Latin American Communication Research (publicado pela ALAIC), que também contam com traduções para o inglês. ■

## REFERÊNCIAS

- Bolaño, C. (1988). *Mercado brasileiro de televisão*. Federal University of Sergipe Press.
- Calmon, J. (1966). *Duas invasões: O livro negro da invasão branca*. O Cruzeiro.
- Camargo, N., & Pinto, V. B. N. (1975). *Communication policies in Brazil*. Unesco.

- Cardoso, F. H., & Faletto, E. (1979). *Dependency and development in Latin America*. University of California Press.
- Dorfman, A., & Mattelart, A. (1972). *Para leer al pato Donald: Comunicación de masa y colonialismo*. Siglo XXI.
- Evans, P. B. (1979). *Dependent development: The alliance of multinational, state and local capital in Brazil*. Princeton University Press.
- Grupo de Mídia. (1978). *Concentração econômica e mídia* [Paper presentation]. 3º Congresso Brasileiro de Propaganda, São Paulo, São Paulo, Brazil.
- Hall, S. (1977). Culture, the media and the 'ideological effect'. In J. Curran, M. Gurevitch, & J. Woollacott (Eds.), *Mass communication and society* (pp. 315-348). Edward Arnold.
- Hertz, D. (1987). *A história secreta da Rede Globo*. Tche.
- Horkheimer, M., & Adorno, T. (1972). *The culture industry: Enlightenment as mass deception*. Herder and Herder.
- Katz, E., & G. Wedell. (1976). *Broadcasting in the third world*. Harvard University Press.
- Lerner, D. (1958). *The passing of traditional society: Modernizing the Middle East*. The Free Press.
- Mattos, S. A. S. (1990). *Um perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)*. Associação Brasileira de Agências de Propaganda.
- Miceli, S. (1972). *A noite da madrinha*. Perspectiva.
- Milanesi, L. A. (1978). *O paraíso via Embratel*. Paz e Terra.
- Newcomb, H., & Hirsch, P. (1983). Television as a cultural forum: Implications for research. *Quarterly Review of Film Studies*, 8(3), 45-55.
- Nordenstreng, K., & Varis, T. (1974). *Television traffic: A one-way street? A survey and analysis of the international flow of television programme material*. Unesco.
- Ribke, N. (2011). Decoding television censorship during the last Brazilian military regime. *Media History*, 17(1), 49-61.
- Schiller, H. I. (1969). *Mass communication and American empire*. Beacon.
- Schramm, W. (1964). *Mass media and national development*. Stanford University Press.
- Silva, C. E. L. (1985). *Muito além do Jardim Botânico*. Summus.
- Sodré, M. (1972). *A comunicação do grotesco*. Vozes.
- Straubhaar, J. (1984). Brazilian television: The decline of American influence. *Communication Research*, 11(2), 221-240.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (1978). *Many voices, one world*. Unesco.
- Wallach, J. (2011). *Meu capítulo na TV Globo*. Topbooks.

---

Artigo recebido em 9 de dezembro de 2022 e aprovado em 14 de dezembro de 2022.

